

EDUCAÇÃO E LITERATURA: REFLEXÕES SOBRE A RETIRADA DA DISCIPLINA A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO PIBID

*EDUCATION AND LITERATURE: REFLECTIONS ON THE REMOVED OF DISCIPLINE
FROM THE PIBID EXPERIENCE*

Silvana Tobias Oliveira¹
Adilson Crepalde²

Resumo: Este artigo objetiva contribuir com o debate sobre o ensino de literatura nas escolas públicas em Mato Grosso do Sul (MS), desencadeado por uma resolução governamental que retirou esta disciplina da grade curricular do Ensino Médio. As reflexões aqui desenvolvidas tomam como base a experiência vivida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que oportunizou o acompanhamento de aulas de Literatura numa escola pública de Dourados, MS, por três anos. Durante esse período, foram desenvolvidas diversas atividades pedagógicas e de pesquisa participativa que possibilitaram a coleta de dados que foram analisados com base em teóricos da teoria da literatura, em estudos sobre ensino de literatura e em estudos sobre o trabalho docente. O estudo mostrou a importância de se relacionar teoria e prática e nos possibilitou, enquanto pibidianos, entender a complexidade das questões educacionais e a importância do ensino de literatura na grade curricular.

Palavras-chave: PIBID. Literatura. Retirada. Experiência. Debates.

Abstract: This article aims at contributing to reflect about the debate on literature teaching at public schools in Mato Grosso do Sul (MS). This debate was triggered by a government measure that removed the discipline of literature from the high school curriculum. The considerations that were developed here were based on our experience lived in the Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). This experience allowed us to participate in literature classes at a public school in the town of Dourados, MS, for three years. During this period, several pedagogical activities were developed and participative research was carried out, which permitted data collection that were analyzed on theoretical bases of Theory of literature, studies of literature teaching and of studies on the educational work. The study showed how important it is to relate practice and theory and gave us, as pibidianos, the opportunity to understand the complexity of the educational issue as well as the importance of literature teaching in the curriculum.

Keywords: PIBID. Literature. Removed. Experience. Debates

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)

² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Introdução

A Resolução nº 3. 196, publicada e sancionada no dia 31 de janeiro de 2017 e oficializada pela Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso do Sul (SED/MS), reestrutura a grade curricular do Ensino Médio, extinguindo a disciplina de Literatura e incluindo esse conteúdo nas aulas de Língua Portuguesa, que, a partir da mudança, passa a contar com quatro aulas semanais, ou seja, passou a ter uma aula a mais. A outra aula de Literatura foi remanejada para a disciplina de Matemática, que contava com três e passou a ter quatro aulas. Essa ação provocou reação de professores da Rede pública, professores universitários, estudantes de cursos de Letras, escritores, poetas, sindicalistas e estudantes secundaristas. O principal argumento desses que reagiram à medida era de que a disciplina de literatura era indispensável para a formação integral dos estudantes.

Para justificar e manter a decisão, os representantes da SED-MS, por sua vez, argumentaram que esse assunto havia sido discutido em vários fóruns com presença de professores universitários e das escolas públicas de ensino. Diziam que esse assunto também foi debatido, tomando-se como referência as discussões feitas em torno da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que aponta para a construção de áreas ampliadas. Segundo eles, não se tratava de retirada da literatura, mas da incorporação dessa disciplina pela disciplina de língua portuguesa, o que deve ser entendido como uma maneira de combater a fragmentação do saber. Além disso, para eles, os professores de língua portuguesa são licenciados em Letras e habilitados para o ensino de português e respectiva literatura, estando capacitados, portanto, para ministrar ambas as matérias. Nessas falas, podem-se ler alusões indiretas de que o ensino de literatura não requer um especialista, haja vista a maneira como essa disciplina tem sido ministrada que, segundo eles, foca em trechos de obras e períodos literários, preparando alunos para o vestibular.

Dentre as manifestações e depoimentos publicados em defesa da retirada da literatura da grade, tivemos acesso a uma entrevista ao jornal online *Primeira Notícia* realizado pelos jornalistas Castro, Baasch e Baasch (2017) que descrevem a fala de um representante da SED-MS que

argumentou que somente os estados do “Mato Grosso do Sul e Amapá” mantinham a Literatura como matriz curricular específica, o que indicava que essa disciplina não merecia um lugar específico na grade como ocorre na maioria dos estados brasileiros.

Essa discussão chegou à escola onde desenvolvíamos atividades previstas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e nos motivou a pensar sobre o assunto com base na experiência que estávamos tendo. Durante o programa, fazíamos leituras teóricas sobre o conceito de literatura e sobre ensino de literatura, ao mesmo tempo em que auxiliávamos a professora supervisora no desenvolvimento de atividades. Realizávamos, também, leituras sobre pesquisa participativa de base etnográfica, montávamos um blog e um portfólio das atividades realizadas. Essas atividades nos possibilitaram coletar dados sobre o processo que estávamos vivenciando, refletir sobre nosso trabalho e pensar sobre a proposta de incorporação da Literatura à aula de Língua Portuguesa.

Nosso projeto do PIBID tinha como objetivo possibilitar aos estudantes do curso de Letras contato com o mundo escolar e provocar reflexões sobre o processo de ensino aprendizagem. Objetivava também estabelecer uma relação entre educação e artes. O projeto estava dividido em duas frentes: ensino de inglês e as artes (*English with art*) e a outra literatura e arte. O planejamento e a execução das atividades eram orientados por dois professores da universidade: um especialista em ensino de línguas e o outro especialista em literatura. As atividades eram supervisionadas por professores da Rede estadual de ensino dessas respectivas disciplinas, que também participam e ajudavam nas reflexões sobre o projeto que se desenvolvia. Por três anos, pudemos acompanhar o planejamento das aulas com a mesma professora de literatura nas turmas dos primeiros, segundos e terceiros anos do ensino médio, com carga horária de 2 horas semanais em cada série.

Estava previsto no projeto pensarmos na relação entre teoria e prática, o que fazíamos com base nas leituras de Pimenta e Lima (2004), trabalho no qual a referida autora reflete sobre o conceito de práxis. Em relação à teoria, aproveitamos as leituras e os debates que haviam sido feitos na universidade sobre pensadores como Cândido (1972, 1995, 2006), Todorov (2009) e Barthes (1987, 2013). Estudávamos, também, textos sobre educação e letramento literário, baseados em Cosson (2012) e Zilberman (1989). Além disso, tivemos acesso à tese de Santos (2017) no qual o autor faz alusão a outras teses e dissertações que tematizaram o ensino de literatura. Essas teses e dissertações ajudaram-nos a pensar os dados que havíamos coletados e a confrontar nossa realidade com outras.

Tivemos acesso também à tese de Ferreira (2007), na qual relata a experiência de propor aulas transdisciplinares, fazendo uso de um conto. Essa tese nos ajudou a pensar maneiras de

trabalhar o texto literário, completando o que havíamos lido em Zilberman (1989) e Cosson (2012); auxiliou-nos, também, na reflexão sobre trabalhos inter e transdisciplinares, assuntos que havíamos tematizado por meio do trabalho de Barbosa (2007) sobre o ensino de artes e de inglês, no qual a autora faz considerações sobre as possibilidades de fazer interface entre esses diferentes campos do saber. Além das leituras sobre literatura e ensino de literatura, na medida em que desenvolvíamos o projeto, fomos incluindo leituras de autores de outros campos do saber.

Antes de iniciarmos o projeto, fomos orientados a fazer pesquisa participativa com base no trabalho de André (2005), quando buscamos compreender a escola como uma microcultura constituída de linguagens entrelaçadas pelas relações sociais que ali ocorriam. Nesse sentido, passamos a observar tudo à nossa volta, a fazer anotações, a desenvolver entrevistas semiestruturadas, a fazer análise de conversação, a montar um portfólio e a promover conversas informais que pudessem nos propiciar dados.

E nesse contexto, decidimos tematizar a retirada da Literatura, levando em consideração a experiência pela qual passávamos, refletindo sobre os dados que havíamos coletado, o que incluía uma entrevista com a professora supervisora e várias conversas abertas com os alunos. Desenvolvemos nossas considerações que estão organizadas, neste trabalho, da seguinte maneira: na primeira parte, descrevemos a posição da professora supervisora e dos alunos sobre o assunto com base em leituras teóricas; na segunda parte, realizamos nossos apontamentos e considerações sobre o assunto com base na posição da professora, dos alunos e em nossa experiência no PIBID. Nas considerações finais, fazemos uma reflexão sobre o desenvolvimento do trabalho, sobre a metodologia e o aporte teórico.

Ponto de vista da professora

Durante nossa permanência na escola, tivemos a oportunidade de dialogar com a professora supervisora que disse, em entrevista, que estava em vias de se aposentar e havia sido concursada na área de Literatura em concurso público realizado em 2004. Ela nos contou, ainda, que tinha formação em psicologia também, mas optou pelo magistério, haja vista sua paixão e seu interesse pela literatura, uma paixão que havia sido despertada ainda na infância.

Ela lamentou bastante a retirada da disciplina e disse reiteradas vezes que o campo literário perderia muito, pois, segundo ela, a literatura desperta a sensibilidade, a criatividade e a construção de conhecimento. Ela nos disse, ainda, que respeitava os professores de língua portuguesa, mas que o profissional especialista em literatura fazia toda a diferença, pois, temia que toda a complexidade evocada pela Literatura pudesse ser minimizada e preterida pelo ensino de gramática. Além de

defender o especialista deste campo do conhecimento, a professora deu um perfil do que acreditava ser um professor de literatura, o qual, segundo ela, devia ser um amante das artes, da poesia e ter tempo e condições para se dedicar aos estudos. O ponto de vista da professora nos remeteu aos estudos teóricos que vínhamos lendo. Candido (1995, p. 176) afirma que a literatura é uma forma de conhecer que nos tira da zona de conforto, pois, é capaz de “veicular noções que a visão convencional gostaria de proscriver. No âmbito da instrução escolar, a Literatura provoca conflitos em relação às normas estabelecidas”.

Para o mesmo autor, a Literatura é uma representação elaborada pelo poder criativo do ser humano que organiza elementos simbólicos em uma unidade significativa, em um mundo imaginado com lógica interna e linguagem próprias. Os estudos literários devem considerar o mundo físico e social, o contexto do qual as obras literárias emergem e devem ainda considerar a capacidade dos leitores de construir sentido na interação com a obra.

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica. Tal paradoxo está no cerne do trabalho literário e garante a sua eficácia como representação do mundo. Achar, pois, que basta aferir a obra com a realidade exterior para entendê-la é correr o risco de uma perigosa simplificação causal (CANDIDO, 2006, p. 22).

A fala da professora remeteu-nos, também, a Barthes (2013), que pensa a Literatura como uma representação incompleta, sempre aberta a intervenções de interpretações, constituindo-se em um espaço de criatividade de mão dupla. Para o autor, “a Literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa; ou melhor; que ela sabe algo das coisas — que sabe muito sobre os homens” (Barthes, 2013, p. 17–18, grifo do autor). Barthes (1987) toma a obra literária como um valor estético, mas como uma estética que evoca um conhecimento sobre o mundo. O contato com o texto literário, para ele, é, ainda, um espaço de construção de sentido movido pelo desejo: “Não é a ‘pessoa’ do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute: que os dados não estejam lançados, que haja um jogo” (idem, 1987, p. 9). Por outro lado, Ferreira (2007) coloca que

O saber literário (ou o saber que a literatura provoca e promove) é amplo e se dá, muitas vezes, no limite da própria linguagem, na interação texto e leitor real, no processo dialógico entre a produção da escritura e a recepção da escritura. O saber literário, que tem a ver com sabor da vida *in vivo*, é uma unidade de conhecimento aberta (FERREIRA, 2007, p. 109).

Nessa linha de raciocínio, a literatura é ensinamento que nos chega, por meio do poder da arte, um ensinamento que mexe com todos os nossos sentidos, permitindo que reflitamos sobre

nossas possibilidades, nossas limitações, nossas relações sociais, enfim, sobre a vida coletiva e sobre todos os dramas que envolvem as práticas sociais. É, pois, conhecimento que se adquire entremeio ao prazer e ao encanto que uma obra de arte proporciona. A literatura encerra o poder de nos fazer conhecer a complexidade da vida e de perceber as contradições humanas buriladas pelo poder de fazer arte.

A fala da professora sobre a Literatura, como uma linguagem elaborada pela capacidade de imaginar, nos remeteu não somente a Candido (1972), mas também à Vygotsky (1994). Esse último autor destaca a fantasia como elemento imprescindível para o desenvolvimento da capacidade simbólica do ser humano. A imaginação dá a possibilidade de se criarem mundos possíveis e de dar sentido a eles, fazendo uso de signos figurativos. Na lógica imaginativa das crianças, um cabo de vassoura vira um alazão, uma espiga de milho, as mais lindas das bonecas. Esse processo criativo desenvolve não somente a capacidade de lidar com signos metafóricos e ambíguos, mas também nos sensibiliza, nos possibilita ler o outro e compreender o que significam sorrisos, olhares, humores, etc. Esse processo faz com que nos espelhemos nos outros, entendendo nossos dramas e nos construindo nessa relação com o outro, identificando semelhanças e diferenças. Nesse sentido, a Literatura e as artes em geral têm papel fundamental no processo de formação do indivíduo e da sociedade.

A fala da professora ia ao encontro de tudo que estávamos lendo em termos teóricos, porém toda sua sensibilidade e conhecimento sobre o assunto parecia não bastar no processo de ensino aprendizagem. Embora a professora defendesse o ensino de literatura, dialogando com os teóricos, ela se queixou muito do desinteresse dos alunos pelo saber literário, fato esse que pudemos observar nas aulas que acompanhamos e no contato que tivemos com os alunos.

Durante a realização de atividades, nos intervalos e em reuniões sobre a realização de atividades, procurávamos saber como os alunos compreendiam o processo. Por meio de conversas amistosas, nas quais fazíamos perguntas sobre a importância das aulas: se gostavam de ler, o que liam, se entendiam a Literatura como maneira de conhecer, como manifestação artística, se tinham tido contato com a literatura fora da escola e se concordavam com a retirada da disciplina.

Ponto de vista dos alunos

Os dados coletados permitem dizer que a maioria dos alunos não via muito prejuízo na retirada da disciplina, pois, segundo eles, tratava-se de uma disciplina entediante, com as aulas orientadas pelo livro didático, com exercícios de perguntas e respostas preparatórias para avaliações escolares e para vestibulares. Segundo os alunos, pouco tempo era destinado a reflexões sobre a

Literatura, enquanto fonte de conhecimento e enquanto arte. Disseram ainda que gostariam de aulas mais dinâmicas. Pelo que disseram, queriam ser protagonistas em aulas que envolvessem outras tecnologias, filmes, músicas, etc.

As informações coletadas mostraram que a maioria dos alunos é oriunda de famílias com baixo poder aquisitivo e que esses alunos haviam crescido sem muito contato com a leitura em casa. Os dados revelaram, também, que eles não têm hábito de comprar livros ou frequentar bibliotecas, mas muitos disseram que eram fãs de *Harry Potter*, *Senhor dos Anéis*, *Crônicas de Nárnia*, etc., e amantes de séries de televisão, de jogos e de filmes.

As respostas dos alunos nos remeteram ao trabalho de Todorov (2009) intitulado *O Perigo da Literatura*, no qual o autor faz uma profunda reflexão sobre a importância do contato com o saber literário, olhando para sua própria trajetória como aluno e professor.

O perigo mencionado por Todorov não está, portanto, relacionado à escassez de bons poetas ou ficcionistas no esgotamento da produção ou da criação poética, mas na forma como a literatura tem sido oferecida aos jovens, desde a escola primária até a faculdade: o perigo está no fato de que, por uma estranha inversão, o estudante na entra em contato com a literatura mediante a leitura dos textos propriamente ditos, mas como uma forma de crítica, de teoria ou de história literária. Isto é, seu acesso à literatura é mediado por uma forma ‘disciplinar’ e institucional. (TODOROV, 2009, p.10)

Não somente as observações postas por Meira (2009) no prefácio acerca do trabalho de Todorov (2009), mas dissertações e teses sobre educação literária no Brasil (SANTOS, 2017) também apontam como o desinteresse dos alunos pode estar relacionado à maneira como a literatura tem sido apresentada a eles. Esses trabalhos confirmam nossas observações e as falas dos alunos em relação ao uso do livro didático como principal estratégia de ensino. Estes estudos confirmam, também, como se enfatiza a historiografia literária e se faz referência às obras clássicas e a períodos literários, incentivando a memorização de palavras chaves e de trechos de obras e nomes de personagens, em vez de tratar o texto literário como fonte de conhecimento e como obra de arte. Os dados coletados com os alunos sobre o assunto remetem ao processo de didatização da Literatura.

Desse modo, critica-se não a escolarização da literatura, mas a inadequada escolarização que se faz da literatura, entendida por Soares como ‘[...] deturpação, falsificação, distorção como resultado de uma pedagogização ou uma didatização mal compreendidas que, ao transformar o literário em escolar, desfigura-o, desvirtua-o, falseia-o’ (SOARES, 2006. p. 22, apud SANTOS, 2017, p. 16).

Além das questões metodológicas, o fato de que os a maioria dos alunos pertenciam à classe social menos favorecida, nos levou a considerar as reflexões de Bourdieu (2004), trabalho

que nos foi sugerido pelo orientador do projeto enquanto refletíamos sobre o que havíamos coletado com os alunos. Nesse trabalho o referido autor relaciona bens materiais a bens simbólicos e demonstra como o capital simbólico se distribui entre as classes sociais por meio de processos de exclusão. Esse mesmo autor nos levou a pensar como a escola pode funcionar como disseminadora de representações culturais hegemônicas quando reproduz uma pedagogia de transmissão de conteúdo, sem relacionar esses conteúdos às práticas sociais. Em outras palavras, o estudo literário, que poderia ser fonte de conhecimento sobre as contradições da vida social, passa a ser somente memorização de trechos de obras e tentativa de apagamento das contradições cotidianas.

Nessa linha de compreensão, nos chamou o fato de muitos alunos não terem tido contato com os textos literários em suas casas e pouco contato com textos literários no ensino fundamental. Essas informações nos remeteram à competência leitora que precisa ser desenvolvida ao longo do tempo.

Em seu livro *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica* (1980), Held explica que a imaginação infantil é fruto de um exercício constante de criação e que a criação é fruto de um exercício constante da imaginação. A leitura literária, acredita José Morais em seu livro *A arte de ler* (1996), evidencia o quanto a imaginação é importante para que o leitor possa sentir prazer na sua atividade leitora. (FERREIRA, 2007, p. 135-136)

A referência dos alunos em relação à leitura de *best-sellers*, como por exemplo, *Harry Potter*, levou-nos a estudar sobre o assunto. Esse estudo nos levou a ter contato com opiniões controversas (SODRÉ, 1988) e a pensar nos processos de produção de arte atrelados ao capitalismo, como aludido por Jamenson (1996). Essas críticas nos fizeram pensar no processo de construção da cultura de massa, mais como um produto do que uma obra de arte. Nessa controvérsia, no entanto, há estudiosos que defendem que o conceito de literatura não deve ser estabelecido de maneira dicotômica, como literatura culta ou de massa, e que a leitura de *best-sellers* pode significar muito mais do que apenas consumismo e alienação.

Livros como *Harry Potter* deveriam ter espaço na escola, pois a leitura nessa fase deve estar centrada no interesse do aluno. Todo tipo de obra pode formar um leitor. O que ocorre é a desvalorização de certos títulos pela escola, que entende como leitura apenas as chamadas obras ‘clássicas’. A criança deve sempre iniciar com o que lhe dá prazer, não importa a linguagem”. Ela completa: “Para mim, foi uma grande surpresa quando, há cinco anos, recebi alunos leitores de *Harry Potter* na universidade. Eles eram interessados, tinham gosto pela leitura, eram criativos (NAUJORKS, 2017, p. 7 apud TAG BLOG, p.7, 2017).

As respostas dos alunos nos chamam a atenção não somente para as controvérsias em relação aos debates sobre o que venha ser literatura e obra de arte, mas também para a relação entre

literatura e outras linguagens, como as adaptações de textos literários para a linguagem cinematográfica, televisiva e de outras mídias. Essas adaptações que combinam o verbal e o não-verbal têm grande apelo entre os estudantes. Esse fenômeno nos fez pensar como são realizadas essas adaptações e perguntar sobre as possíveis perdas das características de uma obra literária, cuja matéria é a palavra, no processo de adaptação para outro código mais centrado na imagem, no movimento e no som.

À primeira vista, isso pode soar como grande obviedade. No entanto, essa perspectiva ainda não parece estar suficientemente disseminada entre o grande público. Os casos da série Harry Potter e de O senhor dos anéis são alguns dos muitos exemplos disso. Essa perspectiva abre-nos as possibilidades de estudo comparativo de suportes não estritamente “literários” ou “canônicos”, tais como as narrativas gráficas, os videogames, as narrativas cinematográficas “não canônicas”, os fanfics e outros suportes. (HEATHER, 2010, p. 148; 150).

Por fim, o ponto de vista dos alunos nos fez pensar que o entendimento sobre literatura e arte que eles possuem se forma por meio de um processo dinâmico de relações sociais que estabelecem dentro e fora dos muros da escola, o que implica em pensar que esse “fora” inclui as relações estabelecidas no mundo virtual e pelo acesso à cultura veiculada pela indústria cultural internacional.

Em nossa pesquisa participativa, pode-se constatar a dinâmica do processo de construção de sentido e como essa dinâmica viceja em espaços de pertença, configurados como subgrupos sociais Maffesoli (1996), que diferem uns dos outros, sobretudo pela linguagem. Ao observarmos a escola, pudemos reconhecer vários subgrupos, como o grupo dos *agrobóis*, o grupo dos esquetistas, manos e de fãs de *Harry Potter*, usando camisetas, bonés e até roupas ao estilo. Muito embora não tivéssemos feito nenhuma pesquisa para confirmar se esses possíveis leitores haviam mesmo lido *Harry Potter*, compreendemos que a construção de conceitos passa por relações coletivas e nos processos de construção de identidade.

A retirada da literatura

Os argumentos utilizados pelos representantes da SED-MS pautaram as questões relacionadas à integração de disciplinas, à formação de professor e à metodologia do ensino de literatura. Em seus argumentos se referiam à necessidade de congregar disciplinas em áreas maiores e sugeriam um perfil de profissional que pudesse compreender as mudanças curriculares em curso. Todavia, não mencionaram que essas alterações ocorriam no bojo de mudanças no contexto sociopolítico econômico brasileiro que afetam diretamente a esfera educacional.

Nesse contexto de mudanças, propostas como escola sem partido³, ataques às disciplinas de sociologia, filosofia, demonização dos debates de gênero, minimização da importância de estudos sobre diversidade cultural e linguísticas mostram como há uma clara tentativa de valorização de certas premissas e valores em detrimento de outros.

Ao fazer essa leitura mais conjuntural, compreendemos melhor o que a professora quis dizer quando, em uma de suas entrevistas, disse que a retirada da disciplina era resultado de uma política formativa que sempre rondou a educação, pois, segundo ela, a literatura, por décadas, tem sido estigmatizada como algo inútil, sendo mais importante, para os defensores dessa ideia, a língua portuguesa e a matemática. Nesse sentido, pode-se dizer que, neste momento histórico, tenta-se reeditar procedimentos de dominação que já ocorreram em outros tempos.

Eagleton (2003) informa que a literatura, no século XVIII, quando foi assimilada como arte, não pertencia ao seletivo grupo das disciplinas acadêmicas, porque não possuía as características que uma disciplina exigia e quando entrava na escola, lembra Eagleton (2003), era para servir de deleite, mas jamais de ensino com qualidade. Abreu (2002) explica que o conceito de literatura com o qual o século XIX tratou foi o conceito de uma invenção artística e toda invenção artística não possuía valor expressivo no campo do conhecimento científico. Para a escola de Spencer, por exemplo, assinala Doll Jr. (2002), ciência só eram a Física e a Matemática, o restante permanecia no campo da abstração e da inutilidade para a ascensão do conhecimento. (FERREIRA, 2007, p. 115)

A observação da professora em relação à inutilidade do saber literário está nas entrelinhas das propostas educacionais e dos discursos que tentam escamotear mudanças educacionais em consonância com mudanças nos rumos da política brasileira. Nesse contexto, a Literatura deve ser colocada em segundo plano, pois, ela não ajuda a formar técnicos e pessoas que compreendam a lógica de sistemas matemáticos. Entendemos, com base no que lemos e pesquisamos, que o sensível, o lúdico, o imaginativo, processos fundamentais para socialização e para o desenvolvimento sociocognitivo dos seres humanos (VYGOTSKY, 1994) têm sido deixados de fora das considerações mais recentes sobre processos educacionais.

As reflexões sobre os relatos da professora nos remeteram ao processo de formação da docência que nós, pibidianos, estávamos experimentando. Em nossas ponderações, concluímos que o processo de formação da docência deve ser muito mais sólido do que tem sido, pois, formar um discente leitor que possa lidar com a gama de variáveis que atravessam o processo de ensino-aprendizagem requer tempo e dedicação. A experiência nos mostra que o professor de literatura

³ A escola sem partido é um movimento político criado em 2004 que defende uma educação neutra. Este movimento advém a partir de um projeto de leis que dispõem conjunto de regras aos educadores, de modo a limitar o professor de ensinar o aluno de maneira reflexiva crítica as coisas do mundo, ou seja, o discente deve ser imparcial no seu modo de ensinar, excluindo toda ação educacional de cunho ideológico e político nas escolas.

deve ser capaz de desenvolver trabalhos e refletir sobre seu trabalho com base em leituras teóricas sobre seu objeto de ensino e sobre o mundo escolar que necessita de professores intelectuais, sensíveis e capazes de compreender a complexidade dos processos educacionais. Nesse sentido, a literatura não deve ser acomodada em um canto de uma disciplina, mas também não deve ser aprisionada no âmbito de outra, tampouco ministrada de maneira simples como relataram os alunos.

A possibilidade de poder conviver no espaço escolar por três anos, de realizar atividades de ensino, os dados coletados com a professora e com os alunos, bem como as leituras teóricas nos levaram a compreender o tamanho da importância da disciplina na grade curricular.

Em seu livro *Aula* (1997), Barthes afirma, como apresento na epígrafe inicial desta tese, que a literatura é um monumento cultural para a humanidade e que, se todas as disciplinas escolares, por qualquer razão fossem retiradas do currículo escolar, a literatura jamais poderia passar por tal exclusão, visto que ela, enquanto linguagem é, ao mesmo tempo, representação e não-representação, é, ao mesmo tempo realidade e não-realidade, é, ao mesmo tempo, uma coisa e outra coisa, um saber e outro saber, espécie de muitos saberes organizados em um só tecido, em uma só poética. (FERREIRA, 2007 p. 108-109).

Em nossas observações, notamos que a escola desconsidera a dinâmica dos processos de construção de sentidos e impõe um modo de pensar e representar que não coadunava com os interesses nem com a linguagem dos alunos. Os conhecimentos trazidos por eles são ignorados, em vez de problematizados. A escola não leva em consideração suas realidades, suas práticas sociais e os conhecimentos construídos empiricamente. Ao contrário, há imposição de conteúdo em um processo pedagógico que privilegia a memorização de conceitos e a categorização das coisas do mundo por meio de raciocínios dedutivos. Todavia, esse processo previamente planejado como um encadeamento linear e lógico é marcado pela descontinuidade das sequências didáticas, pela interrupção do calendário escolar, por alterações no horário e pela recusa dos alunos em participar do processo passivamente.

Nossa experiência, possibilitou perceber que não há integração entre as disciplinas e que se privilegia umas em detrimento de outras, o que leva os alunos a investirem mais esforços e tempo nas disciplinas mais prestigiadas no mundo escolar, o que em nosso entendimento não inclui a literatura. A falta de integração das disciplinas nos remeteu aos conceitos de interdisciplinaridade e transdisciplinaridade que têm sido debatidos no âmbito escolar e universitário e que também tivemos a oportunidade de debater como atividade do PIBID. Nossas reflexões sobre a realidade da escola, sobre nossas atividades e nosso próprio processo de formação nos leva a crer que tais conceitos precisam ser muito bem refletidos, pois, durante os três anos na escola, não presenciamos nenhuma atividade interdisciplinar e durante o nosso processo de formação na universidade

também não houve oportunidades de se pensar e realizar atividades que pudessem ser consideradas como tal.

Em uma de nossas atividades tentamos relacionar literatura e música, no entanto, ao avaliarmos a atividade com o orientador e depois de ter aprofundado a compreensão de inter e transdisciplinaridade com base na leitura da tese de Ferreira (2007), percebemos o quanto entendíamos parcialmente esses conceitos. As reflexões sobre as melodias e sobre a importância da música na sociedade e nos processos de ensino aprendizagem nos levaram a compreender o quão limitados eram nossos conhecimentos em relação ao campo do saber com o qual estávamos propondo interface. Dessa maneira, compreendemos que fazer inter e transdisciplinaridade é muito mais que relacionar literatura e música, é preciso refletir sobre as linguagens, os elementos que compõem esses dois diferentes campos (BARBOSA, 2007).

Compreendemos que projetos interdisciplinares devem envolver profissionais de outras áreas com seus conhecimentos específicos, o que requer a capacidade de construir projetos coletivos, uma habilidade que não se desenvolve do dia para a noite nem faz parte da cultura escolar, pois “Nicolescau (1999) deixa claro que a transdisciplinaridade só ocorrerá em parceria com a disciplinaridade e que a disciplinaridade, embora limitada no seu campo de ação, não se opõem à inter e a transdisciplinaridade” (FERREIRA, 2007, p. 199).

Nossa experiência nos leva a concordar que a literatura oferece condições para interface com todos os campos do saber, havendo, de acordo com Ferreira (2007), transdisciplinaridade:

A condição transdisciplinar do literário tem relação com o fato do gênero em questão, como sentencia Barthes (1997), ser, ao mesmo tempo, espaço e tempo da realidade e espaço e tempo da ruptura com a realidade. A condição transdisciplinar do literário tem a ver com o fato do literário ser subversivo a qualquer natureza de realidade estática, posto que a transdisciplinaridade necessita ser movimento incessante e *ad infinitum*. Ou seja, o texto literário é adequado para um trabalho de mediação pedagógica transdisciplinar, visto que esta natureza de texto é um campo de interações constantes entre a realidade instituída e a realidade que se institui no contexto social e histórico dos que lhes produzem e recebem. (FERREIRA, 2007, p. 168)

Nossas atividades nos levaram a crer que a literatura é o espaço para realização de projetos transdisciplinares, de refletir sobre o poder da arte, da imaginação e da sensibilização dos seres humanos. “Bachelard (1996) afirma que a poesia do homem é oriunda de um tempo não linear, onde a brecha da imprevisibilidade traz à tona materiais psicológicos pouco conhecidos pela episteme racional” (FERREIRA, 2007, p. 179).

A realização deste trabalho nos permite dizer que os argumentos em favor da retirada da literatura são elaborados como verdades evidentes, ou seja, se pautam em conceitos e realidades

aparentemente irrefutáveis. Os argumentos se valem de constatações em relação a ineficiência da maneira como a literatura tem sido ensinada, de conceitos significativos como o de integração, por exemplo, porém de maneira descontextualizada. Ao se fazer uma reflexão mais profunda, percebe-se que nas entrelinhas desses argumentos subjazem conceito de literatura e de ensino de literatura que não encerram a complexidade que esses conceitos evocam. Nossa reflexão aponta também para política, pelos jogos políticos que perpassam as tomadas de decisão que são escamoteados e negligenciados nos discursos e nos processos de ensino aprendizagem. O descontentamento dos alunos em relação às aulas de literatura, quando analisados de maneira superficial fortalecem os argumentos da retirada da literatura, mas ao se tentar compreender as diversas variáveis que compõem esse descontentamento, aprende-se que esse descontentamento revela a distância entre o mundo escolar e o mundo dos alunos, revela a distância entre o que se diz sobre medidas educacionais e sobre o que se almeja com essas medidas.

Por fim, este trabalho nos deu a dimensão da complexidade da questão, questão essa que não pode ser analisada fora do contexto socio político-econômico. Aprendemos que não se pode dar e nem aceitar repostas rápidas às questões educacionais e que, nesse caso, não se tratava apenas de decisões sobre a permanência ou sua retirada da literatura da grade, mas uma questão que envolve conceito de literatura, de arte, de pedagogia, de filosofia, de política, de cultura e do futuro de uma nação.

Considerações finais

A realização deste trabalho nos levou a reflexões profundas que nos deram a dimensão da complexidade do assunto. Essa tentativa exigiu que buscássemos compreender questões relacionadas ao conceito, ao ensino de literatura e sobre o processo de formação de professores. Entendemos que acertamos na forma de realizar o trabalho que foi se constituindo na dialética entre teoria e prática. Essa metodologia nos permitiu compreender o quão significativo é o conhecimento que surge no processo de ação e reflexão com base em uma experiência empírica. Esse processo nos permitiu compreender que o conhecimento é algo dinâmico e subdeterminado, e que, quando ganhamos consciência disso, passamos a ter mais paciência e a fugir de crenças e de opiniões cristalizadas e reducionistas.

Aprendemos a fazer a crítica de maneira fundamentada, tentando compreender a organização dos argumentos e sua contextualização, como também exercitar a autocrítica, nos conscientizando de que nossa reflexão também é apenas mais uma possibilidade interpretativa. A

experiência, possibilitada pelo PIBID, nos oportunizou a entender a importância de ser professor pesquisador, crítico e autocrítico.

A maneira de refletir que adotamos nos oportunizou conhecer como determinados argumentos se cristalizam e tornam-se premissas básicas das quais se fazem inferências. Algumas crenças que havíamos incorporado foram sendo desconstruídas ao longo do trabalho. Por exemplo, a princípio julgávamos o desinteresse dos alunos pela literatura como simplesmente falta de vontade e compromisso, mas, ao fazermos uma análise mais profunda, pudemos perceber que há outros elementos que devem ser levados em consideração.

Nesse sentido, as reflexões sobre o processo de aprendizagem que envolvem questões cognitivas, metodológicas e psicológica Ferreira (2007), Zilberman (1989), (Todorov, 2009), socioeconômicas (BOURDIEU, 2004), sociais (MAFFESOLI, 1996), nos fizeram ver que temos que destacar esses elementos. Pudemos compreender o que significa literatura enquanto possibilidade de conhecimento e da possibilidade de vinculação da literatura à realidade, situando textos literários em contextos sócio-históricos (CANDIDO 1972, 2006). Essa reflexão também nos levou a pensar na importância de se compreender o contexto, no qual se ensina literatura, se debate sobre esse conhecimento e se formam profissionais educadores que tomem como ponte de partida a realidade dos alunos.

A leitura do texto de Vygotsky (1994) nos mostrou a importância da literatura para o desenvolvimento de nossas capacidades simbólicas e criativas ao nos enveredarmos pelos mundos ficcionais, por leituras que evocam mundos possíveis que nos ensinam com prazer sobre nossa realidade e sobre as dimensões do humano. Barthes (1987) constrói a ideia de literatura como obra de arte, como maneira de fazer compreender o mundo pela força da imaginação e da fruição se consubstancia. Nesse sentido, passamos a perceber as obras literárias como unidades significativas e interdiscursivas transdisciplinares, ou seja, como unidades complexas que desafiam o pensamento racional e linear (FERREIRA, 2007).

A realização desse trabalho também nos levou a refletir sobre o conceito de arte, sobre a indústria cultural e sobre as polêmicas que geram o conceito de arte erudita e popular colocada por Jameson (1996). Essas leituras nos ajudaram a pensar o contexto que vivenciamos, ajudando a buscar respostas parciais, mas principalmente desencadeando perguntas sobre literatura e sobre o ensino de literatura que nos levarão a outras leituras e a pensar práticas pedagógicas que levem em conta a complexidade da literatura. Acreditamos ainda que o fato de tratarmos o assunto com base em nossa experiência do PIBID foi de fundamental importância para pensarmos no nosso processo de formação. Nesse sentido, este trabalho pode contribuir para reflexões que se

desenvolvem sobre a pedagogia do ensino universitário, pois nossa experiência nos mostra que não se pode formar professores intelectuais que possam ter uma visão inter e transdisciplinar da realidade sem ter o devido tempo e condições para tanto.

Nesse sentido, pudemos compreender por que a literatura e as artes afrontam tanto um certo tipo de pensamento estritamente pragmático. A literatura é inclusiva e fala da vida como o resultado de contradições e rupturas que não cabem em leis econômicas nem em um conjunto de regras comportamentais. Ela lembra que a vida não cabe em compartimentos estanques, é indisciplinada e livre como a força que move a vida. Ela oferece a impossibilidade de captura, de encapsulamento, o que provoca a ira dos dominadores, provoca o desprezo daqueles que estão demasiadamente voltados para questões práticas.

Por fim, este trabalho mostrou-nos que a literatura é imprescindível para a formação de leitores, para a formação de cidadãos capazes de interpretar, refletir e criticar a sociedade, acima de tudo, a literatura, enquanto arte, é imprescindível para o desenvolvimento da dimensão estética do ser humano, o que está imbricado na possibilidade de se praticar a eticidade e de contribuir para realização de um projeto social coletivo que inclua as diferenças.

Referências

- ANDRÉ, Marli Eliza. D.A. de. *Etnografia da prática escolar*. São Paulo: Papyrus, 2005.
- BARBOSA, Ana Amália Tavares Bastos. *O ensino de artes e de Inglês: uma Experiência Interdisciplinar*. São Paulo, Editora Cortez, 2007.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas: introdução, organização e seleção Sergio Miceli*. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: segunda versão 2016*. Recuperado em: <http://historiadabncc.mec.gov.br/documentos/bncc-2versao.revista.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- CANDIDO, Antonio. A Literatura e a Formação do homem. *Ciência e Cultura*, 4 (9), 803- 809, 1972.
- CLARABOIA, Jacarezinho/PR, n.16 (*Educação literária*), p. 40-56, jul./dez, 2021. ISSN: 2357-9234.

CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CANDIDO, Antonio. *A literatura e sociedade*. 9 ed.: Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.

CASTRO, Gabriela. de.; BAASCH, Juliana Cristina; BAASCH, Pedro. Reorganização na Rede Estadual de Ensino exclui Literatura da estrutura curricular. [2017, 14 fevereiro]. *Primeira Notícia*, Campo Grande, 2017. Recuperado em: <http://www.primeiranoticia.ufms.br/educacao/reestruturacao-da-rede-estadual-de-educacao-do-ms-retira-literatura-da/957/>.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2012.

FERREIRA, Hugo Monteiro. *A literatura na sala de aula: uma alternativa de ensino transdisciplinar*. 377 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

HEATHER, Alvaro Luiz. Quem mexeu no meu texto? Observações sobre Literatura e sua adaptação para outros suportes textuais. *Revista Brasileira de Literatura Comparada*, (16), 2010. Disponível em: <http://www.abralic.org.br/downloads/revistas/1415576147.pdf>.

JAMENSON, Fredric. *Pós-Modernismo: a lógica Cultural do Capitalismo Tardio*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

MEIRA, Caio. Prefácio. In: TODOROV, Tzvetan. *A literatura em Perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. *Estágio e Docência*. São Paulo: Cortez, 2004. (Coleção docência em formação. Séries saberes pedagógicos).

SANTOS, Oton Magno Santana dos. *A literatura e a escola: um estudo sobre os modelos de educação literária do ensino médio em escolas públicas de Salvador (BA)*. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação: Campinas, São Paulo, 2017.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO DO SUL. SED/MS. *Resolução/SED Nº 3.196, DE 30 DE JANEIRO DE 2017*. Recuperado em: http://www.simted.org.br/base/www/simted.org.br/media/attachments/391/391/58aca3b89d3161a1d9f3b7367ac6aba96fe9bf4bf2f8d_resolucao-sed-n-3.196-de-30-de-janeiro-de-2017.pdf. Acesso em: 15 set. 2019.

SODRÉ, Muniz. *Best-Seller: A literatura de mercado*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1988.

TAG BLOG. *Como Harry Potter formou uma geração inteira de leitores* [web blog]. 1 de maio de 2017. Recuperado em: <https://www.taglivros.com/blog/como-harry-potter-formou-uma-geracao-inteira-de-leitores/>.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em Perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

CLARABOIA, Jacarezinho/PR, n.16 (Educação literária), p. 40-56, jul./dez, 2021. ISSN: 2357-9234.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

Recebido em: 10/2/2020

Aprovado em: 2/5/2020